

Luis Fernando Verissimo

Escreve aos domingos e às quintas-feiras neste espaço

/// Lula foi eleito, o sapo foi deglutido e empossado. E o pior não aconteceu. Poucos empresários emigraram, e os que ficaram não se arrependeram

A longa indigestão

Quando o Brizola se convenceu de que não chegaria à Presidência, consolou-se com uma sentença: a elite brasileira teria que engolir um sapo barbudo em seu lugar. Quem estava vivo e consciente na época se lembra do quase pânico provocado pela perspectiva do Lula no poder. Oitocentos mil empresários fugiram do país. Ninguém sabia ao certo o destino da sua prataria, nem de suas cabeças. A ideia de engolir um sapo, ainda mais um sapo com uma ameaçadora barba cubana, era revoltante. Mas, fazer o quê? Lula foi eleito legalmente, o sapo foi deglutido e empossado. E o pior não aconteceu. Poucos empresários emigraram e os que ficaram, principalmente do setor financeiro, não se arrependeram. E ninguém foi guilhotinado.

É verdade que o PT tratou de tornar-se mais palatável para ser eleito. Prometeu seguir o modelo econômico vigente, com alguns ajustes na área social para honrar seu passado e seus compromissos de campanha, mas sem fazer loucuras. E o sapo barbudo desceu pela goela da nação com a suavidade possível. Já a sua digestão foi outra coisa.

Não se muda de dieta tão radicalmente sem consequências ao menos gástricas. Pela primeira vez o Brasil tinha na Presidência

um ex-operário, vindo das lutas sindicais, que errava a concordância verbal, mas mobilizava a massa. Com todas as suas precavidias concessões ao status historicamente quo, o PT não deixava de representar a “classe perigosa”, como a nobreza francesa chamava os pobres antes da Revolução, no poder, o que também não ajudava o metabolismo.

A resistência do patriciado brasileiro ao PT tem várias causas: diferenças ideológicas, interesses contrariados, medo, a própria arrogância do partido no governo e suas quedas na corrupção, e – especialmente inadmissíveis – os seus sucessos: distribuição de renda, políticas sociais, desemprego baixo etc. – mas o ódio ao PT só se explica como má digestão.

Doze anos de indigestão: é compreensível a irritação causada pela eleição de mais quatro anos de PT no governo e a continuação da praga do Brizola. Os que se manifestam contra uma suposta fraude no pleito apertado e pedem o impeachment dos vencedores estão exercendo o direito de todo perdedor, o de esperar. Só achei curioso ver, desfilando numa manifestação na Avenida Paulista, uma faixa que pedia a volta dos militares ao poder.

, não é preciso mais de três pessoas para fazer e carregar uma faixa daquelas: uma para pintá-la e duas para segurá-la. Fiquei pensando em quantas pessoas no desfile, além das três hipotéticas, concordavam que outra ditadura militar é preferível ao PT no governo. Talvez ninguém, talvez a maioria. Nunca se sabe o efeito da má digestão num organismo.

Antonio Marcus Machado

É economista e professor universitário

/// Sem resolver questões básicas do transporte coletivo, governo induziu os brasileiros a comprarem carros para se descolar para trabalho e lazer

A patologia dos carros

O carro, para os brasileiros, significou uma expressão de ascensão econômica e social dos anos 1960 até meados dos anos 1990. Naquele período de tempo, comprar um carro era algo notável, especialmente nas cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos já economicamente desenvolvidos. Nesse período de tempo, de forma geral, o trabalhador brasileiro que conseguia comprar um carro só o utilizava nos fins de semana, como um troféu a ser exibido para os amigos e vizinhos.

Ao lado da casa modesta uma puxada era erguida e um reluzente fusca se acomodava em sua sombra e se protegia das chuvas. As mais sofisticadas eram retráteis, como a Zetaflex. Uma das atividades do fim de semana era lavar e encerar o carro na calçada ou nos postos de gasolina para de noite passear com a namorada. No painel, um rádio Motorola tocava músicas da Rádio Mundial com o programa do Big Boy sobre os Beatles.

Depois do Plano Real, com a estabilidade da moeda, foi possível fazer financiamentos de longo prazo e comprar um carro passou a ser algo mais acessível. Até porque a abertura da economia permitiu uma maior variedade de

oferta de carros. De 1998 até hoje a frota aumentou 175%, segundo o Ipea, com 3,7 milhões de carros por ano.

Nos anos 1990 o governo adotou uma redução na carga tributária para o carro com mil cilindradas que, somada à ampliação do crédito, permitiu às classes mais baixas ter seu próprio carro. Mas foi a partir de 2009 que os incentivos aumentaram, totalizando R\$ 56,4 bilhões de acordo com a Receita Federal, principalmente em 2013 com as políticas de desoneração. Porém, os investimentos em transporte público e infraestrutura foram pífios em relação à sua necessidade.

Sem resolver questões básicas do transporte coletivo, o governo induziu os brasileiros a comprarem carros para se descolar para o trabalho e o lazer. Isso onerou o orçamento do trabalhador, congestionou o trânsito nas cidades e aumentou a dependência do transporte individual. Os defensores dessa ideia postulam que ela gera empregos e salários, pois é uma atividade econômica significativa e que responde por 25% do PIB. Porém, ela deteriora a qualidade de vida do brasileiro e sua produtividade no trabalho.

A melhoria da infraestrutura voltada ao transporte público foi desconsiderada e os investimentos recentes apenas promovem opções como fazer ônibus maiores andarem mais rápidos e mais superlotados. Projetos cicloviários, aquaviários e ferroviários intermunicipais foram abandonados. E o brasileiro faz de seu carro um transtorno coletivo.

Jadir Péla

É professor do Ifes e ex-secretário estadual de Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação Profissional e Trabalho

/// Segundo o IBGE, as mulheres eram as principais responsáveis, em 2010, pelos lares capixabas

As mulheres e o desafio do trabalho

Já se percebe que o modelo de família marcado pelo predomínio da figura masculina tem perdido cada vez mais espaço. No Espírito Santo, essa tendência se repete, com o crescimento do número de mulheres responsáveis por domicílios e na proporção da ocupação de postos de trabalho. Aqui, a força da mulher capixaba tem crescido intensamente. Segundo o IBGE, no ano de 2000, cerca de 23% dos lares capixabas

tinham mulheres como principais responsáveis. Esse percentual subiu para aproximadamente 36% em 2010.

Outro dado importante da força feminina, revelado recentemente pela OIT, para a América Latina e Brasil, é que pela primeira vez nos países da região a taxa média de participação da mulher no mercado de trabalho alcançou o índice de 50%, em 2013.

Contudo, no Espírito Santo revela-se

bastante preocupante o crescimento do número de mulheres na faixa etária de 10 a 17 anos que se tornam responsáveis por domicílios, o que pode ter como causas a gravidez precoce infantojuvenil. Do mesmo modo, faz-se necessário uma observação mais aguda para entender os motivos e as consequências dos efeitos do aumento na proporção de crianças na primeira infância sob a responsabilidade de mulheres, o que pode ter o abandono masculino como principal fonte.

Há, ainda, dados que revelam que para a mulher capixaba assumir a responsabilidade domiciliar, é necessário que, antes, alcance maior peso na renda familiar.

Destaco aqui, dentro dessa perspectiva, uma ação do atual governo que merece atenção das autoridades públicas que as-

sumirão o Estado: o Programa de Formação Inicial e Continuada para Mulheres (Profic Mulher). Criado em 2011 pela Secretaria de Ciência e Tecnologia (Sectti), o Profic Mulher, que já qualificou mais de mil mulheres em bairros de maior vulnerabilidade social, surgiu como estratégia no âmbito do Programa Estado Presente com oferta de cursos de formação profissional específico para as mulheres.

São mulheres, em sua maioria mães de família, com desafios semelhantes, que, a partir de agora passam a contar com as possibilidades de um novo ofício e de novas habilidades para enfrentarem a responsabilidade domiciliar, e, ainda, servirem de exemplo para que a tão almejada igualdade entre gêneros efetivamente se realize.